

Esquiina

www.uniceub.br

Jornal Laboratório do UniCEUB

Os males da internet

Crianças ignoram brincadeiras saudáveis para gastarem horas no computador

p. 4

Pesquisa indica que 10% dos internautas são dependentes da rede mundial

p. 5

Bandeira amarela

Crise no automobilismo nacional pode impulsionar grandes mudanças nas categorias brasileiras

p. 8



Sebastian Vettel e Mark Webber cortonam a temida curva do Café

Moda

Estilistas fazem nome em Brasília por investir em roupas masculinas

p. 7

Ciência

Pesquisadores isolam gene de aranhas que podem contribuir com avanços na medicina

p. 16



Caros leitores,

Durante os meses de maio e junho, a equipe do Jornal Esquina foi às ruas para produzir uma edição diferente. Ao invés de focar no modelo tradicional de jornalismo, com editoriais pré-definidos, decidi fazer matérias voltadas para todos os públicos.

Em economia, o foco é esclarecer aspectos muito falados e nem sempre compreendidos, como a temida inflação e as consequências no dia a dia. Mesmo com medidas governamentais a taxa de juros está em 12,25% ao ano. O que implica em mudança de hábitos e necessidade de economia na população. O porquê do consumidor, principalmente os mais jovens, estarem cada vez mais cheios de dívidas e o motivo que levou ao aumento de inadimplentes em Brasília.

Os males da internet estão explicados em duas matérias, a primeira mostra as consequências que o uso abusivo pode causar nas crianças, entre eles obesidade, dificuldade de interagir e até perda da habilidade motora. Os repórteres mostram casos de pessoas que já passaram 56 horas sem dormir por não conseguir sair do computador. No Brasil, 81,3 milhões de brasileiros são usuários da internet e o grande perigo que os viciados correm é de não saber discernir o virtual do real.

Esportes fala sobre assuntos polêmicos, a crise no automobilismo brasileiro e os perigos que os pilotos enfrentam nas competições. Saber quais já foram as medidas tomadas pelos responsáveis e como, mesmo que contraditório, esses problemas podem ajudar a reerguer o esporte no Brasil. O pôquer também ganhou seu espaço na edição por movimentar quase US\$ 5 bilhões no mundo. O leitor vai entender como muitos jovens se tornaram milionários de um dia para o outro por se dedicar ao esporte como se fosse uma profissão.

A dermatite atópica, doença crônica, é explicada pela repórter que buscou mostrar como os pacientes conseguem levar uma vida normal com os cuidados certos. No aspecto educação, o bullying ganha um aspecto humano em nossa matéria, mostram a superação de jovens que deram a volta por cima dos seus agressores.

O caderno de mercado de trabalho tem personagens muito “especiais”. A matéria apresenta pessoas com síndrome de Down que lutaram e hoje tem um trabalho. Especialistas mostram como isso é possível e os desafios que essas pessoas enfrentam para serem inseridas na sociedade. A internet volta a ser relatada, mas agora como as redes sociais ganham as empresas. A reportagem mostra como sites de relacionamento podem aumentar o lucro e a visibilidade das empresas e ainda as dicas para não cometer erros nas redes sociais.

Cultura buscou mostrar um novo conceito de festas, as chamadas alternativas. Djs e produtores falam da burocracia, dificuldades e investimentos para se realizar um evento. A editoria de moda mostra o sucesso dos novos estilistas brasilienses. Investimentos prometem esquentar as semanas de moda local e trazer reconhecimento para a cidade.

No aspecto Brasil, o programa do governo “Minha Casa, Minha Vida” tem seus investimentos traduzidos na reportagem. Somente no início desse ano mais de R\$ 1,8 milhão já foram investidos. Por último, Ciência mostra a descoberta de pesquisadores brasileiros que deixaria qualquer Super-herói com inveja. O investimento em teia sintética irá beneficiar indústria têxtil, bélica e principalmente a medicina.

A equipe Esquina espera que todos tenham uma boa leitura!



Reitor: Getúlio Américo Moreira Lopes

Pró-reitoria Acadêmica: Elizabeth Manzur

Pró-reitor Administrativo e Financeiro:
Edson Alves da Silva

Secretário Geral: Maurício de Souza Neves

Diretor da FATECS: José Pereira da Luz Filho



Coordenador de Comunicação Social: Henrique Moreira

Professor Responsável: Renato Ferraz

Supervisor Técnico: André Ramos

Monitora: Gisele de Albuquerque Gomes

Editora Chefe: Mariana Menezes

Editor de Fotografia: Lucas Cajueiro

Projeto Gráfico: Marina Brunale

Editor de Arte: João Victor Moretti

Editora de Texto: Ana Clara Aguiar



Conta no vermelho

A facilidade de crédito para o consumidor enche a praça de devedores

Por Marina Macêdo



Foto: Marina Macêdo

Segundo levantamento da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL-DF), que administra o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), o número de devedores aumentou nos últimos tempos no Distrito Federal. No mês de abril, cerca de 137 mil pessoas não conseguiram pagar suas contas no final do mês, o que representa uma alta de 5,3%, o maior deste ano.

O motivo para o aumento de inadimplentes é a oferta e disponibilidade de crédito para os brasileiros no ano passado. Agora, muitos vão ter que se esforçar para conseguir quitar as dívidas, pois, com medo da inflação, o governo aumentou a taxa de Selic (taxa básica de juros) e freou a facilidade em arrumar dinheiro a fim de parar um pouco o consumo compulsivo.

Muitos jovens já se encontram nesse estado: gastam mais que podem para conseguir pagar as contas ou até comprar um luxo. Andressa Albuquerque, de 21 anos, ainda não trabalha. Logo, não tem dívidas, mas já se encontra na fatia da sociedade que não consegue poupar uma moeda sequer. “Compro simplesmente pela satisfação de ter o que desejo. Já comprei vários itens que estão com etiquetas no meu armário”, diz a jovem.

Segundo o professor de economia da Upis Carlos Alberto Reis, o marketing leva as pessoas a criarem necessidades. Muitos jovens querem ter o que está na

moda, como o iPad, que agora é objetivo de poder e desejo. Ainda ressalta o fundamento da economia que fala que o desejo de consumir é ilimitado, já o financeiro é limitado. Ainda complementa o que poucos lembram é que hoje tem 20 anos, mas que no futuro terão 40. Tem que criar uma expectativa de vida. Poupar é fundamental.

Uma dica para frear o descontrole do consumismo compulsivo é colocar um limite no cartão. Os magnéticos são comparados com pardais de trânsito pelo economista. Se você ultrapassar a velocidade será multado e pode até perder a carteira. A mesma coisa serve para os magnéticos, se passássemos do nosso orçamento o cartão negaria, logo teríamos que abandonar a compra. E pensar antes de usar, pois um simples descontrole pode afetar as contas.

Andressa diz que não consegue fazer economias. Seu dinheiro acaba nos primeiros dias do mês. Quando vai às compras prefere ir sozinha, pois não aceita opiniões de amigos e familiares.

Flávia Silva (nome fictício) é compulsiva por novidade. Sempre com roupas novas e nada na carteira, Flávia conta que não consegue se controlar. “Meu salário acaba em poucos dias. Eu consigo poupar quando quero uma bolsa ou sapato caro Mas dura pouco tempo, nada a longo prazo”, diz a consumidora. O cartão de crédito já virou história



Consumidores gastam mais do que ganham

para a vida de Flávia, pois comprava mais que podia e não conseguia administrar.

Carlos Alberto ainda lembra que a melhor forma de pagamento é à vista, assim não se tem juros. Os devedores se enganam com os cartões e parcelas. E explica que a soma das parcelas do mês é superior à capacidade de pagamento do endividado. “Sempre que for comprar pense: Preciso mesmo disso?” finaliza o economista.

Inflação preocupa governo

Até então desconhecido, fenômeno afeta os jovens

Por Tarso Veloso



A inflação, aumento geral de preços, começou a atingir uma parcela da população que não havia sido afetada pela hiperinflação da década de 80 e início de 90, os jovens. As despesas mais comuns como cinema, alimentação, combustíveis e vestuário tiveram altas este ano. O aumento atinge todos os integrantes das famílias. Se o dinheiro rende menos é hora de cortar despesas, como a mesada dos filhos.

“O lanche e o refrigerante na escola aumentaram de preço este ano. Agora o mesmo dinheiro que eu ganho de mesada não dá para fazer tudo que eu fazia antes”, disse Bruno Lucas, 16 anos, estudante da escola Leonardo da Vinci.

Os altos reajustes com salários nos últimos anos, que elevou o poder de compra da população, em conjunto com o aumento dos preços das commodities (petróleo, soja, trigo, algodão), trouxeram de volta a inflação. O índice oficial de preços medido pelo governo, o IPCA, em 12 meses, chegou a 6,51% e se tornou uma preocupação para o governo. Apesar de o índice ser alto na comparação com outros anos, não chega perto dos 916% de 1994

ou os 12,53% de 2002.

“O sorvete perto da minha casa passou de R\$ 2 para R\$ 2,5 e a água de R\$ 1,5 para R\$ 2”, disse Thomaz Miller, 16 anos, também aluno da escola Leonardo da Vinci.

Com a alta no valor do algodão o preço das peças de roupa que chegarão às lojas devem estar entre 10% e 20% maior do que a do ano passado. Cerca de 60% das roupas fabricadas no Brasil são feitas de algodão. A alta foi de quase 250% no mercado nos últimos dois anos.

Desde o início do ano, a Presidente da República, Dilma Rousseff, e o presidente do Banco Central (BC), Alexandre Tombini, têm reforçado a ideia de que o governo vai combater a inflação. Uma das formas de reduzir o excesso de dinheiro na economia é aumentando a taxa Selic, taxa básica utilizada como referência pela política monetária para cobrança de taxa de juros. Hoje a taxa está 12,25% ao ano.

Além do aumento da Selic, o BC resolveu adotar medidas macroprudenciais, como a restrição para empréstimos acima de 24 meses. O Ministério

da Fazenda também vem contribuindo para o esforço de contenção inflacionária e anunciou um corte de R\$ 50 bilhões do orçamento deste ano para diminuir o gasto do governo e esfriando a economia. O corte incluiu a suspensão de concursos federais, diminuição de diárias para viagens e corte de investimentos da União. Segundo Tombini, o aperto monetário será “suficientemente prolongado”, como forma de garantir a convergência da inflação no próximo ano para a meta do governo de 4,5%.

“As políticas adotadas desde a virada do ano estão tendo impacto no arrefecimento e moderação da demanda. Isso vai ajudar ao longo do ano para trazer a inflação de volta para o centro da meta em 2012”, disse Tombini.

Após seguidas altas na previsão de inflação, analistas e economistas que respondem ao Boletim Focus, do Banco Central (BC), diminuíram suas projeções para a inflação deste ano para 6,33%.

Especialistas do mercado preveem duas novas elevações de 0,25 ponto percentual na Selic, nos encontros do Copom, levando a taxa básica para 12,75% ao ano.

Mais conectadas e menos saudáveis

Com o videogame e computador como aliados, crianças deixam de lado as brincadeiras de rua

Por Paola Rodrigues 

Pique-esconde, pique-pegas, queimada, brincadeiras que as crianças da década de 80 mais gostavam, perderam espaço para o videogame e jogos online. Hoje, as crianças estão mais conectadas que antigamente. A estudante de medicina Clarice Matsunaga, de 21 anos, conta que suas brincadeiras preferidas eram pular corda, elástico, jogar queimada e pique-bandeirinha. “Hoje em dia as crianças passam o dia em frente a uma televisão jogando videogame ou ficam horas no computador. Com essa modernidade, elas passaram a ter mais dificuldade de interagir com outras crianças, perderam muito da sua habilidade motora”, afirma.

A dentista Patrícia Rosa Gonçalves, de 38 anos, conta que os filhos, Ana Rosa Gonçalves, de 11 anos e João Pedro Gonçalves, de 6 anos, não descem para brincar na rua por falta de tempo. “As brincadeiras preferidas dos meus filhos são: ver televisão, brincar no celular e no computador. Eles não têm muita oportunidade de brincarem na rua com outras crianças. Usam o computador praticamente todos os dias para brincarem”.

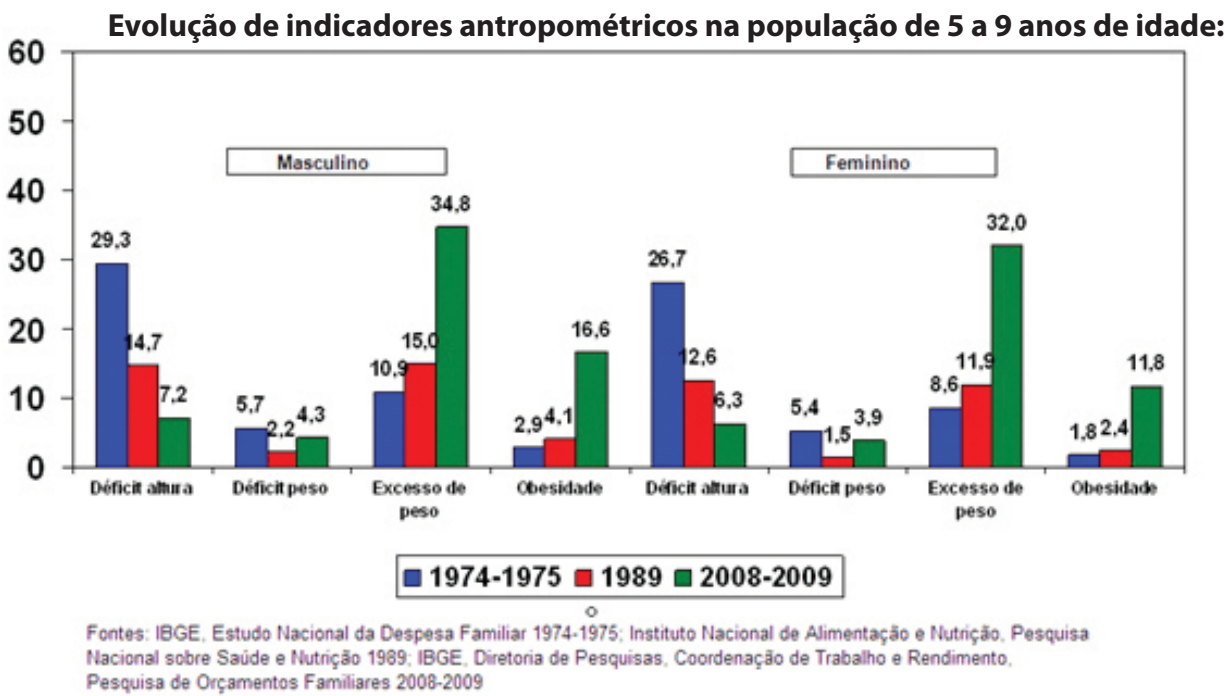
Com essa mudança de hábitos nas gerações, é possível notar um aumento na taxa de obesidade das crianças. O peso das crianças brasileiras aumentou nos últimos anos. Em 2009, uma em cada três crianças de 5 a 9 anos estava acima do peso recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). De acordo com uma pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mostrou que, em apenas 30 anos, o número de crianças e adolescentes do sexo masculino acima do peso no país subiu de 4% para 18%. Entre as meninas, o salto foi de 7,5% para 15,5%. A obesidade, já encarada em todo o mundo como epidemia, atinge 6 milhões de jovens brasileiros.

Os maus hábitos alimentares associados ao sedentarismo estão levando a uma epidemia de crianças obesas que, se não tratadas, desenvolverão graves problemas físicos e psicológicos.

Segundo a nutricionista Monique Oliveira Santos, as crianças estão cada dia mais paradas na frente do computador, videogame e televisão. “Com controles remotos à mão,

ficam sentadas e deitadas, acompanhadas por saquinhos de salgadinhos, biscoitos, pipoca e refrigerantes. Este comportamento diário e sistemático deve ser evitado”, afirma.

Devido à violência urbana, os pais têm medo das ruas e os filhos ficam condicionados aos pequenos apartamentos das grandes cidades. “Hoje em dia, os saudáveis passeios do parquinho ficaram resumidos aos fins de semana e, muitas vezes, substituídos pelo programa dos shoppings e aos fast-foods. Temos de incentivar a prática de atividade física prazerosa e criativa. Exercitando-se com prazer, as crianças não abandonam o esporte”, garante a nutricionista.



Os danos a crianças que brincam apenas com videogame e computador vão além da obesidade prematura. Afetam também os laços sociais. De acordo com a psicóloga Andreia Sasse Figueira, de 28 anos, a ausência de contato com outras crianças pode causar uma falta de habilidade na comunicação e interação social. “É através do brincar que a criança fantasia, compreende e assimila a realidade na qual está inserida. É também brincando que desenvolve sua criatividade, estimula sua aprendizagem, desenvolve a linguagem, se descobre. Sendo assim, os maiores danos possíveis de atingirem uma criança que brinca apenas no videogame e no computador está relacionada à percepção de si mesma e das relações, ao convívio social e à comunicação”, explica.

Com isso, é possível observar que estas crianças possivelmente terão problemas na hora de arranjar um emprego. “Quanto maiores forem as diferenças nas experiências vivenciadas por uma criança, maior sua capacidade de compreensão, de criar, melhor o ritmo de aprendizagem, o uso da linguagem, maiores as habilidades de manejo nas mais diversas situações. Características essas, bastantes desejadas no mercado de trabalho atual. Limitar as atividades de uma criança ao videogame e ao computador é limitar também os aspectos acima descritos”, esclarece.

Segundo a psicóloga, o ideal seria equilibrar as brincadeiras com outras crianças e o computador. “É indiscutível que o acesso ao computador e à internet, por exemplo, permitem o acesso a uma infinidade de informações. Nesse caso, o ideal seria um equilíbrio entre as atividades. Com tal equilíbrio conseguiríamos uma formação mais completa para a inserção do indivíduo no mercado de trabalho e maior aproveitamento nos estudos”, revela Andreia Sasse.

Dicas para os pais e filhos

- Oriente à mastigação lenta, passando os alimentos pela boca;
- Incentive o desenvolvimento de atividades físicas e brincadeiras corporais;
- Evite períodos extensos de jejum;
- Evite a compra de guloseimas e doces em geral;
- Evite líquidos junto das refeições;
- Evite a sobremesa como recompensa de alguma situação
- Os raiosw dew sol antes das 10h e após às 16h são ideais para a ativação da vitamina D, responsável pela fixação do cálcio pelo organismo;
- Evite alimentos do tipo: embutidos, açúcares brancos e refinados em geral, refrigerantes, sucos artificiais, excesso de sal, frituras, alimentos gordurosos (maionese, creme de leite, cremes);
- Tentar gradativamente substituir os alimentos refinados e processados pelos alimentos integrais, pois são 3 vezes mais ricos em vitaminas, minerais e fibras quando comparado ao alimento convencional, por isso pequenas porções aumentam o período de saciedade evitando os surtos de beliscos, além de favorecer a um maior gasto calórico durante o metabolismo.

Fonte:Monique Oliveira Santos (Nutricionista)



A droga chamada internet

Estima-se que 10% dos internautas do mundo sejam dependentes

Por Claudia Carpo
e Lucas Cajueiro



Em 2002, o escritor e editor-visual Dhyhan Shanasa, de 26 anos, desmaiou de cansaço após ficar 56 horas sem dormir. O motivo: a internet. Ele, que, na época, já gastava em média 15 horas diárias em jogos virtuais, quis aprender a usar o site de relacionamento Orkut. “Era uma grande novidade, então passei horas mexendo nele”, afirma. Nesse tempo, Dhyhan também gostava de passar longas jornadas divertindo-se, com joystick plugado, no computador. Esse comportamento lhe rendeu problemas nos olhos e nos dedos. “Por ordem médica, fiquei por cinco ou seis semanas sem olhar para uma tela de computador. Além disso, meu dedo ficou hipersensível e cheio de bolhas”, conta. Hoje, Dhyhan diz que não se considera mais dependente, embora ainda gaste, em média, 15 horas por dia na frente ao monitor.

Segundo o Internet World Stats, existe 1,3 bilhão de internautas no mundo. Estima-se que 10% desses usuários sejam dependentes (cerca de 130 milhões de pessoas). No Brasil, de acordo com pesquisa realizada em 2010 pelo IBGE, Ibope e F/Nazca, há 190 milhões de habitantes no país, sendo 81,3 milhões usuários de internet.

O uso compulsivo de internet e jogos virtuais já é classificado como um dos grandes transtornos tecnológicos da modernidade. Inclusive, é considerado caso de saúde pública em lugares como China e Coreia do Sul. No Brasil não é diferente. Acredita-se que haja 4,5 milhões de viciados em internet. As consequências são devastadoras para quem sofre desse vício: há pessoas que deixam de trabalhar, de estudar, de ter uma vida social, de discernir o real do virtual.

No país, já existem centros de tratamento para pessoas viciadas em internet e jogos eletrônicos. É o caso do Hospital das Clínicas, em São Paulo. Segundo a psicóloga e vice-coordenadora do Programa de Dependência de Internet do Hospital das Clínicas, Dora Goés, o número de horas gasto diante do computador não é condição determinante para se diagnosticar alguém como viciado em internet. Muitos fatores pesam, como: mentir em relação ao tempo de conexão, não conseguir desligar-se do computador, entrar só para ver um e-mail e ficar horas. “Os viciados usam a internet como um moderador de humor e têm muito mais prazer na vida virtual do que na real”, ressalta Dora.

O tratamento no Hospital das Clínicas é minucioso. Ele leva em conta que a compulsão

por internet e jogos virtuais pode ser reflexo de outros transtornos, como bipolaridade e depressão. Por isso, há auxílio psicológico, psiquiátrico e psicoterapêutico. O processo dura dezoito semanas, em sessões semanais de uma hora e meia. Nos encontros, objetiva-se encontrar o equilíbrio e o controle do uso da internet. Mas o principal, segundo Dora, é ajudar as pessoas em relação ao enfrentamento da vida. “As pessoas se refugiam na internet quando não sabem lidar com as vicissitudes da vida”, afirma a especialista. “Na internet, você conhece amigos virtuais e, se a coisa fica chata, você fecha aquela tela. Toda a vida real se torna um plano de fundo”, completa.

Os brasileiros passam, em média, três horas na internet ao dia. O país está em 5º lugar no ranking das nações com maior número de acessos. Grande parte deles ocorre em lan houses, seguido das próprias residências. Pesquisa do IBGE, Ibope e F/Nazca constatou que as redes sociais mais acessadas são o Orkut, MSN, Twitter e Facebook, sendo que 42% dos internautas participam de jogos eletrônicos.

Quando adolescente, o professor de desenho Marco Miranda, 22, abandonou a escola no primeiro ano do ensino médio por conta do vício. Na época, ele passava cerca de 16 horas por dia nos jogos virtuais do computador. “Hoje, me arrependo da minha atitude, mas, na época, valeu a pena”, afirma. Marco conta que muitas vezes já deixou de sair com os amigos e estudar para ficar na internet. “Quando meus amigos me chamavam para sair, dizia que estava doente, só para ficar no computador”, conta.

O Núcleo de Pesquisas da Psicologia em Informática da PUC-SP oferece orientação gratuita por e-mail a pessoas dependentes da tecnologia. Dependendo da demanda apresentada, pode haver de três a oito trocas de e-mail. O psicólogo Guilherme Souza é integrante do Núcleo e assegura que o vício em internet e jogos eletrônicos é geralmente fruto de algum tipo de problema de relacionamento social. “Em um momento de estresse, a pessoa acaba descarregando suas emoções nos jogos”, diz. O tratamento não impede que o indivíduo use o computador, mas o ajuda a buscar o equilíbrio. “A internet não é como uma droga comum. Ela pode ser usada, mas sem exageros”, afirma.

Fundamental para o tratamento é descobrir o motivo real que leva o internauta a se viciar. “Quando a pessoa deixa de sair, estudar ou trabalhar para ficar na internet, é hora de buscar ajuda”, conta

Foto: arquivo pessoal



Fernanda Madeira, 22: “Se deixasse, passava o dia inteiro conectada”

Crítérios de Dependência

- (1) Preocupação excessiva com a Internet
 - (2) Necessidade de aumentar o tempo conectado (online) para ter a mesma satisfação
 - (3) Exibir esforços repetidos para diminuir o tempo de uso da Internet
 - (4) Apresentar Irritabilidade e/ou depressão
 - (5) Quando o uso da Internet é restringido, apresenta labilidade emocional (Internet como forma de regulação emocional)
 - (6) Permanecer mais conectado do que o programado
 - (7) Ter o Trabalho e as relações familiares e sociais em risco pelo uso excessivo
 - (8) Mentir aos outros a respeito da quantidade de horas conectadas
- cional (Internet como forma de regulação emocional)

Referência: www.dependenciadeinternet.com.br

Guilherme. A vice-coordenadora do Programa de Dependência de Internet concorda e argumenta que os pais devem observar o comportamento dos filhos diante do computador e o tempo que eles dedicam a esse tipo de entretenimento. “Como o jovem passa o dia todo no computador, ele acaba engordando, desregulado o sono. Pode ser bastante perigoso”, diz Dora. Procurar experiências longe dos computadores é uma das formas de tratamento.

O vício torna-se ainda mais problemático quando a atrapalha as atividades diárias. Foi o que aconteceu como o estudante Thiago de Almeida, de 22 anos. Ele reprovou três anos da escola porque passava o dia inteiro em lan-houses, casas de jogos virtuais. Hoje em dia, Thiago afirma que fica, em média, 16 horas na internet. “Só não estou no computador quando estou dormindo”.

Fernanda Madeira, 22, passa cerca de dez horas diárias na frente do computador para ler notícias e conversar com os amigos. Ela se considera viciada em internet, embora reconheça que o vício já foi maior. “Se deixasse, passava o dia inteiro conectada”. A estudante conta que já teve muitas brigas em casa por conta do seu vício em internet. “Meus pais se aborreciam bastante. Eles diziam que fico em outro mundo quando estou na frente do computador”, afirma.

Além de aspectos psíquicos, passar longas horas diante de um computador causa problemas relacionados à postura e aos olhos. Para o ortopedista Marcos Britto, “após algumas horas no computador, o corpo cansa. Aí, muda-se de posição na tentativa de melhorar o desconforto, porém essas posições levam a posturas cada vez piores. Daí, surgem dores nos membros superiores e na coluna vertebral”. A dica é fazer intervalos a cada hora. Já o oftalmologista Matta Machado destaca que “a dedicação, a atenção ao monitor, faz com que pessoa pare de piscar”. Isso tem como consequência uma irritação que seca o olho, chamada conjuntivite de exposição. “Meu conselho é que se deve piscar a cada clique, mudança de cena ou de mouse”, diz.

Num mundo em que a tecnologia tem se tornado protagonista, a tendência é que os casos de viciados em internet aumentem. Um panorama real para quem é dependente do virtual.



À flor da pele

A dermatite atópica é uma doença crônica, sem cura. No entanto, com cuidados certos, é possível a convivência

Por Ana Clara Aguiar 

No começo ela parece uma coceira simples e sem importância. Depois viram feridas, que com o tempo crescem e se espalham pelo corpo. Foi assim que a aposentada Luzia Pereira viu os sintomas evoluírem em seu filho Alan Mortoni, hoje com 22 anos. Os primeiros sinais da doença apareceram quando ele ainda era bebê. “Começou com pequenas feridas nas dobrinhas do corpo. No braço, atrás dos joelhos. Mas hoje em dia ele tem no corpo todo”. O estudante de Ciências de Computação é mais um dos tantos jovens que sofrem de dermatite atópica.

A doença crônica se trata de uma manifestação de origem alérgica, na maioria dos casos, que causa inflamação na pele. Segundo o dermatologista Erasmo Tokarski, as atopias são manifestações alérgicas. “Os exemplos mais conhecidos são rinite, bronquite e asma. A dermatite atópica faz parte destas atopias, ela pode se manifestar sozinha ou em associação com outras destas doenças, o que é o mais comum”.

Existem diversos tipos de dermatite, entre eles a de contato, infecciosa e a atópica. No primeiro caso a inflamação se manifesta por alergia a algum produto em contato com a pele como cosméticos, metais, borracha, cimento e outras substâncias irritativas ou alérgicas. No caso da dermatite infecciosa, a irritação ocorre por agente infeccioso como bactérias, vírus, fungos ou vermes. A forma atópica é causada por fatores genéticos.

“É um fator familiar. Geralmente o paciente atópico herdou a doença de alguém da família. Quando os pais têm a doença, a chance da criança nascer com dermatite é muito maior. É uma espécie de ‘defeitinho’ de fábrica” esclarece Tokarski. Os principais sintomas da dermatite são vermelhidão, pele ressecada, descamativa e lesões com prurido.

A alergista Marta Guidacci explica que a doença é característica da infância, dando seus primeiros sinais ainda nos cinco primeiros meses de vida em 85% dos pacientes. Apenas 2% de novos casos aparecem em pessoas com mais de 45 anos. A especialista afirma que geralmente os sintomas da doença diminuem na fase adulta, mas pode evoluir com piora se houver exposição a fatores desencadeantes ou irritantes.

É o que acontece com Alan. A mãe relembra com pesar as dificuldades enfrentadas pelo jovem: “Ele não tem qualidade de vida. Já fez uso de vários tipos de medicamentos. Melhora, mas logo depois tem crises novamente. Ele é alérgico a produtos químicos. E como funciona um salão de beleza aqui ao lado da minha casa, que utiliza diversos destes produtos, eles acabam desencadeando a piora dos sintomas”, lamenta. O estudante, além de dermatite, tem rinite e conjuntivite alérgica.

Ao demonstrar tristeza pela condição do filho, ela conta que na última crise alérgica as inflamações o deixaram com dificuldade até de se locomover. Mas nem tudo é pessimismo, ela se diz esperançosa com o tratamento atual de Alan. “Eu já procurei todos os [tipos de] médicos, que receitaram pomadas e corticóides. Mas agora ele utiliza vacinas. É um tratamento longo, mas acredito que desta vez dê certo. Ele já sofreu muito com essa doença”, conclui.

Segundo Guidacci, para diagnosticar a dermatite são levados em consideração a história clínica do paciente e exames físicos como teste cutâneos e exames de alergia no sangue. Para medir a reação da pele, substâncias reagentes (veja foto) para cada tipo de alergia são colocadas em contato com o paciente. Estes resultados é que vão auxiliar o alergista no diagnóstico definitivo. Como se trata de uma doença crônica, Marta alerta que os tratamentos iniciais são sintomáticos, ou seja, visando o controle dos fatores desencadeantes.

“O que desencadeia as crises podem ser fatores alérgenos ambientais como ácaros,

alérgenos alimentares, fatores irritativos (suor, sabão, sabonete). Geralmente as crises podem ser controladas com hidratação da pele, medicamentos orais e tópicos como cremes e pomadas. Dependendo do fator desencadeante e do nível da doença, a vacina pode ser indicada para curar a própria alergia”.

Para ajudar a amenizar os sintomas, Tokarski também dá dicas: “As pessoas atópicas devem evitar banhos quentes, para não ressecar muito a pele. Se hidratar bem usando cremes e ingerindo bastante líquidos. Devem também evitar derivados do leite, já que a lactose costuma gerar alergias aos pacientes” finaliza o profissional.

Na internet, além de grupos de discussão sobre o assunto, existe até um site da Associação de Apoio à Dermatite Atópica (<http://www.aada.org.br/>). Nele há bastante informação, links sobre o tema, depoimentos e até os endereços da entidade em oito cidades brasileiras. Desta forma, pacientes e familiares descobrem que com informação e correto atendimento de profissionais é possível conviver com a doença.

Foto: Site Look for Diagnosis



Criança com crise de dermatite atópica

Homens são tendência

Estilistas ganham reconhecimento fora da capital federal por investirem na criação de roupas masculinas

Por Sylvia Dimittria 

Foto: Oficial CFW

Quando se pensa em moda, na maioria das vezes, a primeira coisa que vem à cabeça são mulheres bem vestidas, cheias de sacolas, atitude e discutindo sobre os últimos lançamentos e tendências. Ao pensar Brasília, a Esplanada dos Ministérios, e os recorrentes escândalos políticos são as primeiras impressões. Mas esses conceitos estão mudando. De acordo com dados do Sindicato das Indústrias de Vestuário do Distrito Federal (Sindiveste-DF) este nicho movimenta R\$ 1 bilhão por ano, e mesmo não tendo um polo de moda, a capital é responsável por 2,73% do mercado de confecções do Brasil.

Brasília sedia a terceira maior semana de moda do país, o Capital Fashion Week (CFW). Agora em sua 10ª edição, o evento é vitrine para estilistas locais. “O CFW é primordial. Diferente de outros estados, aqui serve para alavancar os estilistas, que se consagram depois de passar pelo Capital. Foi essa iniciativa que trouxe o interesse pela moda a Brasília”, diz Marco Antônio Viera, curador do evento. O CFW é o responsável pela revelação de grandes nomes como Anna Paula Osório e Akihito Hira, estilistas de moda masculina. “A semana de moda brasiliense é uma forma muito especial de consolidar a identidade de uma jovem marca no mercado brasileiro”, ressalta Akihito Hira.

O sucesso dos dois designers já vai além dos territórios brasilienses. Com menos de três anos

no mercado, Anna Paula Osório venceu o Projeto Lab da Casa de Criadores (veja quadro), o que lhe garantiu desfilar a coleção de verão 2012 nas passarelas do evento em junho. “Não esperava ganhar de primeira, ia só testar. Mas estou muito feliz, é a oportunidade de mostrar o meu trabalho para o mundo”, afirma ela. O destaque de Anna Paula no concurso é resultado da ousadia de seu trabalho, alfaiataria masculina perfeita, um segmento da moda que tem sido muito valorizado. Criar roupa para homens é visto como um desafio pela necessidade de inovação, já que para mulheres o guarda-roupa é mais democrático. “A moda masculina requer criatividade, além de ser algo mais difícil de fazer, por isso está sendo tão apreciada”, ressalta André Hidalgo, diretor da Casa de Criadores.

A tradição de bisavôs alfaiates e a elegância do pai fizeram com que Akihito Hira também escolhesse criar para homens. O talento vindo da genética garantiu a Akihito o 12º prêmio do Rio Moda Hype (veja quadro), com a coleção Marnoto. “Apresentei um trabalho maduro e coeso de moda masculina e vou participar pela terceira vez da semana de moda carioca”, afirma o estilista. O sucesso de Akihiro nas duas fashion weeks brasileiras o fizeram ir mais longe. Em julho a marca realizará seu primeiro desfile internacional no Colômbia Moda. E não para por aí. Hira também foi convidado a participar do line up de uma das maiores semanas de moda do mundo, o New York Fashion Week.

A imagem dos engravatados em Brasília continua, mas agora com muito mais elegância e estilo. “O Brasil produz moda, mas não associa isso à capital federal. A tradição da cidade é a política. Saber que lá estão surgindo grandes nomes e atentos à moda masculina nos surpreendeu de maneira positiva”, explica André Hidalgo, ressaltando que esse foi um dos motivos para a vitória de Anna Paula. Para a semana de moda paulista, a estilista brasiliense irá lançar o primeiro sapato desenhado por ela.



Desfile Akihito Hira no CFW inverno 2011

Ilustração: Anna Paula Osório



Um dos 10 looks da coleção Vivo, de Anna Paula

Casa de Criadores	Rio Moda Hype
Surgiu em maio de 1997 para promover jovens estilistas. Seu foco era a criação autoral genuína e a revelação de novos talentos que, a partir do evento, tivessem a oportunidade de impulsionar suas carreiras. No decorrer de sua história se transformou na principal e mais visível vitrine da criação da moda brasileira. Da Casa de Criadores surgiram grandes nomes como Ronaldo Fraga, André Lima, Cavaleira, Walério Araújo, Giselle Nasser, João Pimenta, entre outros.	Lançado em 2004, o Prêmio Rio Moda Hype é um concurso dedicado a lançar novos estilistas na moda nacional. O principal objetivo é oferecer suporte para a inclusão de novos estilistas no mercado profissional. O prêmio Rio Moda Hype acontece dentro da programação oficial do Fashion Rio, semana de moda carioca.

Em crise, mas nem tanto

É contraditório, mas graves problemas de segurança no automobilismo podem ajudar a reerguer o esporte no país

Por João Victor Moretti 

Foto: João Victor Moretti



Visão geral do autódromo de Interlagos

O automobilismo é um dos esportes que mais atrai aos brasileiros, mas a morte de Gustavo Sondermann em fevereiro deste ano expôs falhas de segurança graves. Um país com oito títulos mundiais de Formula 1 não pode deixar que o automobilismo entre em decadência. A perda de Sondermann pode servir como trampolim para a recuperação deste esporte, com algumas falhas sendo solucionadas para que o Brasil continuar com pilotos de ponta vencendo títulos mundo a fora.

Passou da hora de atitudes serem tomadas. Prova disso é que, em 2007, Rafael Sperafico morreu em um acidente muito semelhante ao de Sondermann, no mesmo local e sob as mesmas circunstâncias, e nenhuma providência foi tomada pela Confederação Brasileira de Automobilismo.

Unanimidade entre os envolvidos, a questão da segurança vem em primeiro lugar na corrida por ajuda. “Segurança é uma coisa que, no automobilismo, tem que estar sempre sendo trabalhada e melhorada. A gente sabe que existe risco”, afirma o ex-piloto de Formula Indy Luiz Garcia Jr.

Que o momento passado pelo esporte no país é delicado ninguém discorda, mas existem pessoas que ainda agem pelo bem do automobilismo e acreditam na recuperação desse esporte tão admirado pelos brasileiros. O esporte está em crise, mas suas soluções são simples, bastam ser implementadas.

SEGURANÇA EM INTERLAGOS

Ficou claro em alguns acidentes ocorridos neste ano que a infraestrutura nos autódromos brasileiros precisa de melhorias. Existem pistas que deixam a desejar quando se trata de segurança, o que não é o caso de Interlagos. O autódromo paulista é o mais seguro do país, passando por revisões rigorosas da Federação Internacional de Automobilismo, a FIA, todos os anos.

Os acidentes ocorridos em São Paulo foram investigados e uma reforma na Curva do Café foi solicitada à FIA, mas essa obra não resolve os problemas de segurança no esporte. “Acho que estão tentando fazer alguma coisa, eu acho legal, mas acredito que naquela curva não tem problema nenhum”, afirma Amir Nasr, proprietário da equipe Amir Nasr Racing, participante do campeonato da Stock Car.

A obra em Interlagos é a prova de que providências estão sendo tomadas, mas não podem parar. “Nunca se pode relevar as questões de segurança. Você tem que estar atento aquilo que sabe que pode acontecer e quando acontece uma fatalidade, tem que tomar as medidas muito rapidamente para que não volte a acontecer”, diz Luiz Garcia Jr.

“Acho que a busca por melhorias tem que ser constante. Amanha alguém pode desenhar um cinto de segurança melhor ou encontrar um material

para ser aplicado na carroceria do carro que seja melhor e mais seguro. Eu vi muitas coisas, elas vêm melhorando”, completa o ex-piloto.

O AUTÓDROMO NELSON PIQUET

Em Brasília temos um dos melhores autódromos do país, mas que necessita de obras urgentes. “O público brasileiro gosta de automobilismo e eu acho que a gente não recebe bem esse público”, afirma Amir Nasr. Na pista da capital federal os maiores problemas estão na estrutura do autódromo, que está abaixo dos padrões adotados no mundo atualmente.

“É uma pena. Brasília é um autódromo tão legal, treinei aqui bastante antes de ir para a Europa, fiz uns treinos para me preparar. É um autódromo show, com um layout de nível internacional, mas que está descuidado”, comenta Felipe Nasr, piloto brasileiro campeão da Formula BMW em 2009 e atual líder da Formula 3 Inglesa.

Luiz Garcia Jr. também acredita que o autódromo precisa de obras. “O autódromo daqui é um projeto dos anos 70, inaugurado em 74, dentro dos padrões de segurança daquela época. Muita coisa evoluiu e nosso autódromo passou por poucas reformas ou atualizações”.

O ex-piloto da Indy acredita que as áreas de escape precárias sejam o maior problema da pista candanga. Algumas curvas precisam ter suas áreas



de escape melhoradas, como na curva da vitória, na curva 1 e na junção. Garcia Jr. afirma que a pista, na situação que está, não tem condições de receber uma prova de importância internacional como a Formula 1 ou a Indy.

O asfalto do circuito também recebe muitas críticas. O piso é o mesmo desde a inauguração em 1974. Apesar da qualidade do asfalto, ele não foi feito para durar tanto e precisa ser trocado. Em Interlagos, por exemplo, o asfalto da pista é trocado a cada quatro anos.

Apesar dos problemas na estrutura, o traçado agrada a muitos e os problemas de segurança têm soluções. “Acho que nós temos um dos melhores traçados do mundo, sem dúvida nenhuma dos mais seletivos, mais desafiadores e que dá prazer para quem dirige. É difícil para uma equipe acertar o carro aqui, tem todos os tipos de desafios, a corrida fica muito bonita e eu não mudaria nada nesse traçado”, crava Amir Nasr.

CARROS E PILOTOS

Apesar de não ser tão preocupante quanto os autódromos, os carros utilizados nas corridas são ponto fundamental para a proteção dos envolvidos. “Alguns acidentes são realmente inevitáveis, você não imagina que aquilo vá acontecer. Até o caso do acidente do Ayrton Senna, não foi o choque que causou a morte e, sim, um braço da suspensão que quebrou, atingiu e perfurou o capacete dele”, afirma Garcia Jr.

Os acidentes fatais em Interlagos foram na posição mais perigosa no automobilismo, em “T”, uma colisão lateral. Esse tipo de batida sempre foi motivo de preocupação para os praticantes do esporte, principalmente quando a colisão acontece do lado em que o piloto está sentado.

Felizmente, o automobilismo tem evoluído o

suficiente para garantir a segurança dos pilotos, mas é algo que nunca deve se acomodar. Luiz Garcia Jr., que correu na Stock Car em 2005, afirma: “Não conheço a fundo o carro atual, mas imagino que ele esteja melhor do que o carro que andei. É o ideal? Provavelmente não”.

Contudo, pôde-se notar uma grande evolução de 2007 até este ano. “Se você olhar os acidentes, o carro do Sperafico, em 2007, praticamente desintegrou, até os tubos mexeram. Já no caso do Sondermann não foi isso, o carro estava inteiro”, comenta Amir Nasr.

Esse desenvolvimento é ainda mais visível se forem comparados com anos anteriores. “Se você for ver o que tinha de acidente fatal no automobilismo até os anos 70, a incidência diminuiu muito e de lá para cá a evolução vem sendo constante”. O ex-piloto Garcia Jr. completa: “Mas o risco ainda existe e não pode parar nunca de procurar novas soluções para minimizá-lo”.

Amir Nasr ainda afirma que o comportamento dos pilotos na pista também influência nos acidentes atuais. “Acho que aquele tipo de acidente, como o no Café, tem mais a ver com os pilotos serem mais cuidadosos”.

O dono de equipe ainda diz que os pilotos precisam ter mais consciência das atitudes tomadas na pista. “Está muito nas ações dos pilotos e na inconsequência de alguns deles, que, se você reparar, são sempre os mesmos que causam essas batidas. Então é muito bonitinho falar, mas você tem que agir e dar o exemplo”, explica Amir Nasr.

Amir acredita que uma união maior dos pilotos possa diminuir os acidentes nas pistas. “A Indy eu acho que é um bom exemplo. Os pilotos têm um pacto entre eles de se respeitar e um não jogar o carro uns nos outros e isso é extremamente respeitado. O melhor movimento de pilotos que eu vejo em relação à segurança é o deles”.

Foto: João Victor Moretti



Felipe Nasr, piloto da F3 inglesa

O FUTURO DO ESPORTE

Uma coisa muito comentada por especialistas do esporte é que o Brasil ficará sem pilotos de ponta dentro de alguns anos, mas essa opinião não é comum a todos os envolvidos com o esporte. Falta

Foto: João Victor Moretti



Corrida da Formula 3 sul-americana no autódromo Nelson Piquet

investimento nas categorias de base do esporte, mas isso é superado por pessoas que acreditam no automobilismo nacional e fazem acontecer.

O esporte viveu seu auge nos anos 80 e 90, impulsionado por grandes pilotos como Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet e Ayrton Senna, mas desde a morte de Senna em 1994, o brasileiro deixou o automobilismo um pouco de lado e continua até hoje buscando um substituto para o ídolo.

“Acho que temos que parar de procurar um novo Ayrton Senna. O futebol aconteceu alguma coisa parecida na geração do Pelé. O Brasil ficou procurando um novo Pelé por 20 anos e durante essas duas décadas Brasil não ganhou nada. Quando o Brasil parou de procurar um novo Pelé e se contentou com os Zicos da vida, os Sócrates,

Romários, Ronaldos Fenômenos e Ronaldinhos, nós voltamos a vencer”, opina Amir Nasr.

Infelizmente ainda dependemos de iniciativas próprias para termos pilotos de alto nível competindo nas principais categorias do mundo. Sem o apoio de patrocinadores e sem categorias de base mais fortes dentro do país, a vida dos pilotos fica complicada. “A gente precisa desse incentivo para você se tornar um piloto melhor e ainda estamos tentando”, afirma Felipe Nasr.

Mas o talento brasileiro supera essas dificuldades e nos mantém como uma potencia no automobilismo mundial. “Vamos curtir o automobilismo e daqui a pouco vai chegar um brasileiro bom de novo, ganhando corridas e campeonatos que nós vamos voltar a ser felizes”, mostra-se otimista Amir.

O brasileiro Felipe Nasr é um desses pilotos que pode chegar em categorias de alto nível. Amir Nasr, tio do piloto, mostra que poderemos ver Felipe na Formula 1 em breve. “Felipe está em um caminho muito bom, está bem orientado e muito focado. Ele está com as pessoas certas, de dentro da Formula 1, gerenciando a carreira dele, com todos os passos já marcados para chegar e chegar bem lá”.

O piloto também se mostra otimista quanto ao seu futuro e faz previsões para sua chegada na principal categoria do automobilismo mundial. “Logo, logo, não vai demorar muito não. Mais três ou quatro anos para chegar lá preparado”. Para a alegria dos brasileiros, Felipe tem títulos que comprovam sua qualidade e colocam-no como uma das grandes promessas do esporte.



A popularização do pôquer online

Conheça a indústria do esporte que tem cada vez mais adeptos e movimenta quase US\$ 5 bilhões no mundo

Por Lucas Braga



Aquele jogo de cartas que conhecíamos apenas nos filmes norte-americanos de faroeste passa por uma mudança radical em sua popularidade. Como uma febre mundial, os torneios de pôquer estão presentes em vários canais de televisão e, graças à internet, ao alcance de todas as pessoas.

A facilidade do pôquer online é que o usuário pode praticar sozinho: a qualquer momento do dia ou da noite, é possível encontrar um jogo adequado ao seu nível e estilo. Desde os gratuitos, chamados de freerolls, que você pode jogar de graça e competir por prêmios em dinheiro, passando pelos sit and go's, cujas entradas custam um dólar, chegando a valores maiores, como os torneios de US\$ 200 que pagam até US\$ 1 milhão em prêmios.

Renato Nader, 21 anos, começou assim. Em 2006, o estudante de engenharia de redes da UnB conheceu o esporte através de um amigo e adorou. O jovem passou horas a fio pesquisando e estudando os conhecimentos do pôquer. Apesar disso, Renato sempre tratou o esporte como um hobby. “Nunca pensei em me profissionalizar nesse jogo. Estudo e tenho cada vez mais vontade de me aprofundar nos conceitos do pôquer, mas tudo por gostar desse esporte. O pôquer é apenas uma atividade como outra qualquer. Como uma pessoa que gosta de jogar futebol e tem vontade de melhorar seu desempenho mesmo sem querer ser um profissional”, explica.

“Atualmente, sou um dos cinquenta maiores ganhadores da história do site”

Bruno Gonzalez

Diferente dele, Bruno Gonzalez Terra, 29 anos, é jogador profissional de pôquer há três anos. De origem humilde, o ex-garçom, que ganhava novecentos reais por mês, conheceu por meio de um colega o esporte que iria mudar o rumo de sua vida. Na época, sua família passava por graves problemas financeiros e Bruno enxergou no pôquer um meio de propiciar conforto para eles. “O meu primeiro resultado expressivo foi quando ganhei US\$ 2 mil com poucos meses de jogo. Larguei o restaurante para me dedicar exclusivamente ao mundo do pôquer. Hoje, tenho certeza que fiz a escolha certa, pois já dei uma casa própria e um carro para minha mãe. Além disto, o pôquer me proporcionou maravilhas, como viajar para jogar torneios em vários países e conhecer diversos povos e culturas”, afirma Bruno.

Em 2008, ele ganhou dois campeonatos e faturou mais de US\$ 70 mil em cada. Foram os seus maiores lucros em um único torneio e, devido a isso, ficou famoso no pôquer online mundial. “O ano de 2008 foi espetacular. Lucrei mais de US\$ 200 mil, fiquei um bom tempo entre os quatro melhores jogadores

de pôquer online do site PokerStars (maior site de pôquer do mundo). Atualmente, sou um dos cinquenta maiores ganhadores da história do site”.

Ao todo, Bruno GT, como é conhecido no mundo do pôquer, já jogou mais de quinze mil torneios online, acumula mais de dois milhões de vitórias e, de lucro, mais de US\$ 600 mil.

Cerca de dois milhões de brasileiros, atualmente, praticam pôquer online e de acordo com a empresa de consultoria H2 Gambling Capital. Essa indústria movimentou, em 2009, quase US\$ 5 bilhões de dólares em todo o mundo, 24% a mais que em 2008. “Desde quando comecei a jogar até hoje, o número de pessoas que jogam online aumentaram bastante. Os sites que já existiam cresceram e outros foram criados. Percebo também que os jogadores se interessaram mais pelo esporte e, conseqüentemente, estudam e leem bem mais a respeito. Isso torna o jogo muito mais competitivo”, afirma Renato.

No início de junho, Bruno viaja para Las Vegas. Lá, irá disputar o World Series of Poker, campeonato composto por cinquenta e oito eventos. Torneios que para entrar, o atleta paga de mil a cinquenta mil dólares. O evento principal, Main Event, custa US\$ 10 mil, mais de sete mil pessoas irão participar e premia o campeão com quase US\$ 10 milhões.

LEGALIDADE

A profissionalização e a organização do jogo de pôquer no país começou em 2006 com a realização do primeiro circuito estadual criado no Brasil, em

São Bernardo do Campo com cerca de 40 jogadores.

Ao longo de seu primeiro ano, a Confederação Brasileira de Texas Hold'em, encampou a luta pela regulamentação e pela licitude da prática do pôquer no país. Eles obtiveram importantes laudos, pareceres e estudos, que foram as principais ferramentas utilizadas na luta pelo reconhecimento da atividade como lícita e legítima. Através destes documentos, eles conseguiram a credibilidade necessária para colocar o pôquer na televisão e, pela primeira vez na história, um evento jogado no Brasil, o BSOP – Brazilian Series of Poker - foi transmitido em rede nacional.

Em maio de 2010, em Dubai, o pôquer foi admitido pela IMSA - International Mind Sports Association – como um esporte da mente, no qual já constam xadrez e bridge. Para seus praticantes, sejam amadores ou profissionais, o pôquer sempre foi visto como um jogo de habilidade e estratégia. De acordo com o perito criminal Ricardo Molina, podemos afirmar, com segurança, que a habilidade é decisiva para definir o vencedor em um jogo de pôquer. “O Decreto Lei 3688/41, fala-se que o jogo de azar é aquele em que o ganho e a perda dependem exclusiva e principalmente da sorte. Com certeza, o resultado de um jogo de pôquer não depende da sorte, logo, não pode ser considerado jogo de azar”, explica Ricardo.

O pôquer é um esporte no qual, como em tantos outros, a prática faz o jogo melhorar, e cujos resultados vêm por meio de muito estudo e dedicação, sendo que preparo emocional é fundamental para ser um vencedor consistente.

Foto: Lucas Braga



Bruno GT disputando torneio de pôquer

Baladas diferentes

As dificuldades de produzir festas alternativas no Distrito Federal

Por Alisson Azevedo 

Foto Arquivo Pessoal

O estudante João Pedro Goés sempre vai a festas nos finais de semana em Brasília, “Eu gosto das baladas alternativas, a música é sempre de boa qualidade e é bom pra dançar, é divertido”, conta o jovem.

Eventos culturais em Brasília sempre lotam e fazem sucesso. Ultimamente as festas alternativas têm aumentado muito na capital federal. São eventos voltados para um público underground (expressão usada para designar ambiente cultural que foge dos padrões comerciais e que está fora da mídia). Porém, produzir este tipo de evento não é fácil e nem barato.

Para o produtor e DJ Igor Fearn, da produtora Poissonn, realizar essas festas é um desafio. É preciso investir com o capital inicial da produtora, se estabelecer no mercado e atrair o público. Para isso, é preciso ser criativo e pensar sempre em novos tipos de baladas.

Outra dificuldade é a burocracia para conseguir apoio governamental. Fearn explica que há formas de estimular essas produções, porém “a burocracia é grande, os incentivos culturais quase sempre são solicitados por editais, e são específicos para áreas culturais”, diz o produtor.

Além disso, há outra dificuldade: para conseguir a ajuda do governo, as festas teriam que incluir uma programação musical e cantores da cidade para trabalhar com um projeto de longo prazo.

Segundo a assessoria do Ministério da Cultura, a Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313/91), ou Lei Rouanet, como também é conhecida, pode ser usada por empresas e pessoas físicas que desejam financiar eventos culturais. Desta forma, o usuário ganha desconto do Imposto de renda. A produtora monta e cadastra o projeto no site do Ministério da Cultura. Se aprovado, pode-se buscar patrocínio de empresas privadas que ganham desconto no IR. Porém, a decisão é lenta, pois o produto pode demorar cerca de quatro meses para ser aprovado

Foto Arquivo Pessoal



DJ Igor Fearn depois da balada.



DJ Fernando agitando as pick-ups

ou rejeitado. Caso seja escolhido, inicia-se a busca por uma empresa ou pessoa que tenha o interesse em patrocinar o evento.

Muitas entidades se recusam a vincular seu nome às festas alternativas por medo que seja feita alguma ligação com o público homossexual e simpatizantes .

Segundo o produtor e DJ Sérgio Marinho, conhecido como DJ BSIDE, da produtora Safada Madrinha, “o foco dessas festas é o público alternativo, transitando por várias pessoas. “Não segmentamos o público, na verdade ele que decide a balada em que se sente melhor, independente do estilo”, afirma. O Dj Igor Fearn explica que a palavra alternativa não está ligada ao público e sim ao tipo de evento, independente de os frequentadores serem héteros ou gays, “Por que é um o ambiente é misto, a música também é alternativa, os lugares, etc”.

O DJ BSIDE comenta como é caro produzir festas em Brasília, pois nem sempre o retorno do público é imediato, “Depende muito da festa, se ele tem uma atração de peso, que chama o público e dos eventos que concorrem com ela no dia”. Devido às dificuldades, muitos DJs acabam trabalhando em

dois empregos, “É bastante comum o DJ ter outro trabalho, além de tocar. O lucro é muito relativo, depende muito da força de vontade e também do talento do profissional. Financeiramente compensa se ele se especializar muito e tiver muitos parceiros” conta. O produtor Igor afirma que é um ramo arriscado. “A gente fez um investimento bem grande no começo para poder entrar no mercado. É como montar qualquer empresa, você tem que estar pronto pra lidar com imprevistos, sempre”, diz.

Os produtores e DJs precisam estar atualizados para poder agradar ao público e atrair mais pessoas e conseguirem recurso. Para o produtor e DJ Fernando Cunha, da produtora Blush Produções, o incentivo que falta é patrocínio, “Falta fazer parte de agendas culturais, facilidade para produzir em espaços públicos”, desabafa o DJ.

Os jovens estão muito antenados ao cenário musical atual e exigente em relação ao som que gostar de escutar e dançar nas pistas, “O público de Brasília, hoje, está muito nessa onda pop, divas, etc. O que está na mídia está na pista”, diz Ferner. O DJ conta ainda que, “pra não repetir sempre as mesmas músicas, brincamos de inventá-las, como uma versão que mistura Black Eyed Peas com um funk (Mashup). As pessoas vão à loucura!”, diverte-se. Com o DJ BSIDE não é muito diferente. “O público sempre pede Lady Gaga”, diz. O DJ afirma que os estilos mais tocados são pop, eletrohouse e funk. “Quem faz o DJ é o evento e a pista de dança, o DJ tem que tocar o que a as pessoas querem ouvir. Se não, a festa não acontece”, conta.

“A gente fez um investimento bem grande no começo, é como montar qualquer empresa”

DJ Igor Fearn



Redes sociais nas empresas

Empresas estão sendo “obrigadas” a utilizar ferramentas oferecidas pelos sites de relacionamentos

Por Emília Bizzotto

Com mais de 70 milhões de pessoas online, a internet já é considerada uma ferramenta essencial. A opção das empresas de se inserir nas redes surge basicamente da necessidade de interagir com os clientes e saber o que eles pensam sobre determinado serviço ou produto.

As mudanças ficaram mais relevantes após o surgimento e crescimento das redes sociais, como Facebook, Twitter, blogs e outros. Essas novas ferramentas fizeram revoluções na vida de consumidores e empresários.

Pesquisa do Instituto Brasileiro de Inteligência do Mercado (Ibamec) apontou que 65% das empresas já estão presentes nas redes sociais. Conforme os dados levantados, as redes sociais mais utilizadas pelas empresas são: Twitter (84%), Youtube (62%) e Facebook (61%).

Na pesquisa, o twitter foi considerado como sendo a rede social mais relevante para as organizações. As práticas mais comuns de uso da ferramenta são para monitorar o mercado (46%), observar o comportamento dos clientes (45%) e observar a concorrência (39%).

Muitas empresas nem sequer cogitavam a possibilidade de ter um perfil na rede e interagir diretamente com um cliente e hoje têm optado e valorizado este tipo de postura.

A coordenadora de redes sociais da empresa Informe Comunicação, Patrícia Vasconcelos, disse que a procura das empresas por este tipo de serviço tem aumentado. Segundo ela, a maioria das organizações que procuram utilizar as redes sociais são empresas públicas que buscam um meio de comunicação direta com o consumidor. “As empresas procuram mais para saber como as pessoas enxergam o seu produto ou serviço.”, afirma.

Patrícia diz que a maioria das empresas que procuraram a Informe, não sabiam utilizar as ferramentas e, neste caso, à coordenadora é encarregada em esclarecer a ação que será definida a partir do produto ou serviço da organização, como público-alvo e objetivos. Então, são apresentadas as ferramentas utilizadas e, caso o cliente queira, cria-se um perfil específico da empresa. Algumas inicialmente não têm perfil específico. Eles iniciam o contato com o cliente a partir de um perfil próprio da Informe (Rede de Mobilização Social) e, a partir disso, interagem com os consumidores.

Os órgãos públicos são os que geralmente procuram optar pelo perfil da Rede de Mobilização Social para, muitas vezes, saber como as pessoas enxergam aquele órgão, quais são as coisas que não estão atendendo a população e ou trazendo insatisfações. Desde atendimento até ações para modificar procedimentos que viabilizam o serviço prestado.

Segundo Patrícia Vasconcelos, muitas empresas que procuram o serviço idealizam retorno imediato. Mas a coordenadora de redes sociais explica que este retorno não é imediato e acontece de forma indireta. “As pessoas vão reforçando a marca na memória, então, se um dia precisam de um produto X lembrarão imediatamente daquela marca que oferece o produto X que necessitam.”

O empresário e dono da Sabiá Agência Interativa, Mário Rosa é um dos clientes que recebe os serviços da Informe Comunicação. Ele afirma que ter contratado o serviço foi imprescindível para reforçar a marca em Brasília tornando-a ainda mais conhecida.

“Tem muito sobrinho que sabe fazer o que a Sabiá faz, mas falta conhecimento e técnica, isso que faz a empresa se destacar das outras.”

10 Dicas do que não fazer com o perfil da sua #empresa

Responda uma dúvida com número do SAC. Dúvidas via internet serão respondidas via internet. Acha difícil? Fique longe do Twitter.

Utilize scripts escancarados para conseguir seguidores. Você sairia na rua implorando por clientes?! Não é?! Então tá.

Envie Tweets por segundo. Sabemos que o Twitter é legal, mas controle-se!

Seja irônico e responda grosseiramente quando te irritarem. Não deixe seu emocional tomar conta do profissional! Busque sempre uma atitude racional na internet.

Faça Spam! E-mails repetitivos nunca foram legais. O mesmo vale para o Twitter! #nospam.

Deixe seu layout no padrão do Twitter. Seu layout é a imagem de sua empresa! Personalize!

Atualize seu perfil semanalmente ou mensalmente. Se for para atualizar o perfil empresarial só quando bater a saudade, é melhor nem fazer.

#Use #muitas #e #diversas #hashtags. Utilize as #hashtags somente para mostrar o tema do seu tweet. Tente não ultrapassar três hashtags.

Deixe seu seguidor com dúvida. O Google não resolve todas as dúvidas dos usuários. Se questionarem, responda!

Deixe seu seguidor sem respostas. Twitter é ferramenta de comunicação! Ninguém quer falar sozinho!





A conquista mais especial

Como vivem pessoas com síndrome de Down no mercado de trabalho

Por **Marcela Seabra**

Desde criança, se deve estudar para conseguir um bom emprego. Quando se chega à fase adulta, e aparece o primeiro gosto de independência, vem a alegria: saber que comprou algo que veio do seu esforço e dedicação. Não, não há satisfação maior que o gosto de trabalho bem feito.

Entre as pessoas que buscam essa satisfação, há um grupo especial pela maneira que persiste na capacidade própria, pela alegria que transmitem e, principalmente, pelo exemplo de superação que demonstra ao mundo. Quem tem Síndrome de Down sabe a luta que é conseguir um emprego, mas não deixa a condição que a vida lhes deu impedir de seguir rumo ao sucesso.

A psicóloga Sonia Casarin explica que a inclusão social aumentou se for compará-la há 20 anos, assim como as condições de vida dessas pessoas. “Temos as primeiras gerações de adultos com síndrome de Down trabalhando, frequentando cursos superiores, casando e tendo filhos. A maioria tem algum tipo de supervisão, pois sofre dificuldade de gerenciar a vida prática. Entretanto,

Foto: Marcela Seabra



Juliana Correa e as pulseiras de sua criação

cabe questionar se isso se deve a uma limitação deles ou se é consequência do tipo de vivência que tiveram”, relata a psicóloga.

Entre os exemplos, Rodrigo Marinho de Noronha, 39, que trabalha há oito anos na Câmara dos Deputados. Nascido no Rio de Janeiro, Rodrigo mudou-se para Brasília em 1995, e se tornou o primeiro assessor parlamentar com Síndrome de Down a trabalhar na Câmara dos Deputados.

“Eu participava da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) na limpeza, e durante uma visita do deputado federal Eduardo Barbosa, ele me viu fazendo o serviço e me chamou para trabalhar com ele”, relata o carioca. A partir desse dia, Rodrigo se tornou parte da equipe do gabinete do deputado.

Ao realizar serviços como ir ao banco e Correios, Rodrigo não poderia estar mais feliz no seu local de trabalho. Apreciado por seus colegas, o carioca relata que sempre foi tratado bem e sua equipe o fortalece nos momentos necessários.

“Nunca pensei em subir tanto na vida quando cheguei aqui. Agradeço a todos que me ajudaram, mas principalmente ao meu melhor amigo, que sempre tive fé, Jesus Cristo”, conta o assessor, emocionado.

Foto: Marcela Seabra



Rodrigo Noronha na Câmara dos Deputados

E com ajuda dos outros na inclusão social, também aparece Juliana Correa César, 25, artesã que produz bijuterias há seis anos no Da’s Meninas Ateliê, projeto criado pela artesã e voluntária Indira Lucena. O projeto teve iniciativa de integrar meninas com deficiência mental no mercado de trabalho, e hoje, conta com cinco garotas sob a supervisão de Indira. “O mercado de trabalho é que está deficiente, não são as meninas”, critica a artesã.

No ateliê, Juliana Correa é a única com síndrome de Down. No começo, Juliana tinha a ajuda de uma monitora, e elas dividiam as tarefas de criarem as bijuterias. Coube a Indira exigir mais esforço e dedicação de Juliana, principalmente quando sua monitora formou-se e arranhou um emprego em outro local.

“No começo ela fazia só metade das pulseiras, deixava o resto para a monitora terminar. Tem que exigir para ela se esforçar mais, para estimular a criatividade dela”, lembra a voluntária. Atualmente, Juliana faz as bijuterias até com vidrilhos, que têm os furos menores.

Mas essa personalidade mais exigente não muda em nada o carinho que Juliana sente por Indira. “Ela é linda e eu adoro trabalhar com ela. Não quero trabalhar em outro lugar”, relata a artesã.

Esse projeto é apenas um entre vários que buscam a inclusão de pessoas com síndrome de Down na sociedade. A psicopedagoga Marina Almeida explica as diversas oportunidades de

inclusão que essas pessoas possuem: “No Brasil ainda temos ações de política pública que caminham no sentido para empregabilidade, autonomia e independência, moradia supervisionada, casamento e projeto de vida. Encontramos ações isoladas em algumas ONGs, instituições e política pública como o sistema de cotas para empregar pessoas com deficiência”

Como exemplo dessas ações, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) implantou o Projeto Inclusão Social, iniciativa do ex-presidente da Casa, ministro Cesar Rocha, que tem o objetivo de promover práticas que garantam os direitos dos deficientes físicos, mentais e visuais. Entre as ações que favorecem os deficientes, está a contratação de deficientes auditivos na atividade de digitalização de processos.

Satisfeitos com o resultado, o STJ incluiu uma nova ação em parceria com a Associação de Centro de Treinamento de Educação Física Especial (Cetefe), a inclusão de funcionários com Síndrome de Down para trabalhar nas áreas de apoio. Iniciaram nas portarias do Tribunal, e alguns passaram a trabalhar nos gabinetes de ministros.

O supervisor da gestão geral de segurança, Nelson Elias, relata que o trabalho deles é controlar o acesso das pessoas ao Tribunal. “Eles foram incluídos nessa atividade de auxílio nas portarias para quebrar aquela rigidez na segurança. Quando chega um advogado, e vê essa pessoa, muda a postura em respeito a eles e faz questão de se identificar. Essa ação causou um impacto positivo nas pessoas, pois antes existiam mais problemas, com figuras que queriam privilégios, em situações que eles não aceitavam explicações. Houve uma diminuição desse tipo de atitude, pois têm consciência que é um trabalho social, e a partir do momento que fazem isso, sabem que prejudica o projeto”, explica o supervisor.

Saiba mais

- A síndrome de Down é uma condição genética resultante da presença, total ou parcial, de um 21º cromossomo extra, sendo caracterizada por anormalidades no funcionamento e estrutura do organismo.
- A incidência da síndrome é estimada de 1 por 800 a 1 por 1000 nascimentos
- O seu nome deve-se a John Langdon Down, o médico britânico que descreveu a síndrome em 1866.
- Entre as características presentes em quase todos os casos de síndrome de Down estão dificuldade de aprendizagem e crescimento físico, e uma aparência facial reconhecível geralmente identificada no nascimento.

Fonte: psicóloga, pedagoga e psicopedagoga Marina S. R. Almeida



Bullying: entre sofrimentos e superações

Violência entre os jovens ultrapassa os limites das escolas e passa a se tornar público na internet

Por Victor Barbosa



Foto: Victor Barbosa

Era uma manhã diferente para Catherine Bachmann, uma adolescente com 14 anos, à época. Todos os alunos haviam saído da sala no intervalo, só ela ficara. Avisou ao professor que preferia aproveitar aqueles minutos livres para estudar. Tentava ler um livro, mas não conseguia passar da primeira página, o pensamento estava em uma comunidade da internet criada por seus colegas de turma: Nós odiamos a Catherine. A estudante estava sendo vítima de um problema que há algum tempo vem sendo debatido em nossa sociedade: o bullying. A brincadeira de mau gosto, que antes não ultrapassava os limites do ambiente escolar, passou a ser feita pela internet, o que caracteriza o cyberbullying.

Segundo pesquisa realizada pela ONG Plan Brasil, de dez alunos entrevistados, sete dizem ter presenciado algum caso de agressão nas escolas. A pesquisa também constata os casos de cyberbullying e relata que 16,8% dos estudantes disseram já ter sido vítimas e 17,7% praticantes desse tipo de violência. Os alunos de sexo masculino são os que mais sofrem com o problema de agressão nas escolas. Em contrapartida, quando as ofensas ocorrem no ambiente virtual, como é o caso do cyberbullying, a maioria das vítimas é do sexo feminino. Pelo número elevado de casos de bullying, o Conselho Nacional de Justiça ofereceu uma cartilha, elaborada pela psiquiatra Ana Beatriz Barbosa, onde é possível identificar alguns sintomas típicos de pessoas que sofrem bullying, tais como: isolamento, perda do rendimento escolar, resistência a frequentar a escola e, principalmente, tristeza excessiva. Os sintomas em alguns casos, podem gerar transtornos psicológicos graves na vida da vítima, levando-a a ter sérios problemas no futuro.

Ultimamente, vemos nos noticiários episódios trágicos, onde vítimas de bullying começam a reagir e se vingar de seus agressores. É o caso, por exemplo, do massacre na escola de Realengo, no Rio de Janeiro, onde 11 alunos morreram e outros 13 foram feridos. O psiquiatra norte-americano Timothy Brewerton, especialista no assunto, em visita ao Brasil, apresentou um estudo sobre ocorrências de ataques em escolas, no período de 1966 a 2011, onde é apontada a incidência de 66 eventos, em todo o mundo. Segundo a pesquisa do Dr. Brewerton, 87% desses ataques têm como causa o bullying. No entanto, conforme afirma a psicopedagoga Fátima Lerno, o bullying não pode ser elencado como único motivo desses ataques. Outros transtornos, como a esquizofrenia e a psicopatia, que são fatores mais graves, também podem levar um indivíduo a cometer esses atentados, conclui Fátima.

O Distrito Federal, segundo pesquisa do IBGE, é o local com maior incidência de casos de bullying. De acordo com o Instituto, 35,6% dos alunos de Brasília declaram ter sofrido agressões



Catherine Bachmann superou o bullying pelo amor da família

nas instituições de ensino, sendo que as escolas particulares apresentam um maior índice em relação às escolas públicas: 35,9% contra 29,5%. Fátima enfatizou, ainda, a necessidade de os professores se preocuparem também com o desenvolvimento do aprendizado dos alunos. “A função do professor em uma sala de aula não é apenas transmitir conteúdo para os alunos, mas também se preocupar com o andamento de seu aprendizado. Se existe alguém com um comportamento estranho, cabe ao professor procurar entender os motivos”, afirma.

Em alguns casos o bullying pode se tornar um desafio a ser vencido pela criança. Para a psiquiatra Helena Pereira, o bullying não deve ser visto, em hipótese alguma, de forma positiva, porém suas vítimas podem vir a se fortalecer com essa experiência. “Sofrer com humilhações, ser perseguido nas escolas e ser discriminado é algo abominável, mas, em alguns casos, as pessoas conseguem lidar com as adversidades e criar futuras resistências que podem contribuir com outros acontecimentos da sua vida, como, por exemplo, lidar com um chefe autoritário”, observa.

Um exemplo dessa superação do bullying é Catherine Bachmann. Hoje, com 18 anos e com sorriso no rosto, a jovem lembra o passado e afirma que o bullying sempre foi algo desagradável para a sua infância, mas o importante era saber enfrentar essas divergências. “O amor da minha família e minha auto estima, era muito importante para vencer essas humilhações”, diz Catherine. Embora, em

alguns momentos a vítima se sinta inferior ao seu agressor a melhor defesa para lidar com o bullying, deve partir da própria da família. Para Pereira o que vai determinar se o bullying vai se tornar um trauma, é o amor da família e a auto confiança que a vítima possui.

“O amor da minha família e minha auto estima, era muito importante para vencer essas humilhações”

Catherine Bachmann

Motivos como um comportamento diferente, timidez, boas notas, aproximação com os professores, deu início a uma série de humilhações ao ponto levar um grupo de alunos a declarar que odeia uma pessoa que se enquadre em tal perfil. A realidade sofrida por Catherine revela um acontecimento presente na vida dos jovens. Seja em escolas ou na internet o bullying se mostra cada vez mais, como uma realidade a ser debatida pelos pais e responsáveis. “Trata-se de um problema que aparece na mídia e que deve ser posto em pauta, pois o que vemos no ambiente escolar passa muito longe de ser simples brincadeiras inocentes,” diz Fátima.

Novas regras do programa Minha Casa, Minha Vida

Senado regulamenta a inscrição do programa através do projeto lei de conversão da MP 514/10

Por Robert N. Castañón 

Foto: Robert N. Castañón



As Casas do programa Minha Casa, Minha Vida são construídas em Formosa - GO

O programa, que beneficia moradores de baixa renda, tomou novo rumo. O objetivo é tornar as regras anteriores mais claras, para que a população adquira imóveis em áreas com infraestrutura básica.

Segundo Nilton Freitas, técnico bancário da Caixa Econômica Federal em Formosa, a medida provisória garante o investimento quando o imóvel é edificado por construtoras, já que, em anos anteriores, houve muitas reclamações de imóveis constituídos com materiais de má qualidade. “O financiamento é aprovado somente para construções novas, que sejam localizadas em áreas saneadas: rede de esgoto, água potável, luz elétrica e asfalto”.

A medida provocou muitas reclamações. Para a moradora Joyce Hélida, “a aquisição das casas torna mais difícil, pois o centro da cidade está povoado de construções antigas e os bairros não contam, ainda, com infraestrutura adequada e saneamento”, comentou.

De janeiro a maio deste ano, a Caixa investiu R\$ 1,8 milhão para o financiamento do programa. Luciano Lima, gerente da Caixa Econômica, em Formosa, explica que são beneficiadas, aproximadamente, 60 pessoas por mês na cidade. O requerimento feito pela instituição exige: não possuir imóvel, ter uma renda mensal familiar não maior que R\$ 4.900, ganhar até um salário mínimo e apresentar o título de eleitor e RG.

É cobrado do beneficiado 1% do total do imóvel. A taxa de juros é proporcional ao salário da pessoa, que pode chegar de 4,5% a 8% ao ano, o subsídio é de

R\$ 17 mil no máximo e o restante é financiado em até 360 meses. “O valor do imóvel não pode ultrapassar R\$ 130 mil”.

Carolina Leonel foi uma das beneficiadas do programa que, após a aprovação, adquiriu uma casa, ainda em construção, num terreno de 320m², pelo valor de R\$ 93 mil com parcelas de R\$ 650 decrescente, em 30 anos. “O programa me trouxe uma nova perspectiva de vida, pois não estarei mais pagando aluguel e poderei investir e adaptar minha casa conforme minha vontade”.

Segundo Freitas, a procura pelos financiamentos é grande, pois atendem 24 municípios no Entorno

de Goiás. O processo é terceirizado pela VAN (Corretoria de Imóveis), que dá suporte ao processo de cadastramento e analisa de toda a documentação enviada a Caixa, onde é submetida a análise técnica para possível aprovação da carta de crédito. O imóvel é avaliado através de um engenheiro, que emite o laudo descritivo num valor de R\$ 171,30.

Na cidade de Formosa, já foram beneficiadas aproximadamente, 300 pessoas até o mês de maio, o que indica um crescimento na construção civil, realizando o sonho de muitas famílias e fazendo com que o programa alcance seu propósito.

Foto: Robert N. Castañón



Casa em rua sem asfalto não podem ser financiadas pela Caixa



Dos quadrinhos para a vida real

Pesquisadores brasileiros isolam genes de aranhas e produzem fios que beneficiam a medicina

Por Marina Brunale



Ilustração: Marina Brunale

A flexibilidade e a resistência da teia de aranha sempre atraíram o interesse de cientistas que buscavam entender sua estrutura. Um estudo brasileiro feito em conjunto por pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade de São Paulo (USP) e do Instituto Butantã conseguiu isolar genes de algumas espécies de aranhas para produzir um fio artificial com propriedades similares ao da teia. O objetivo é usá-lo como matéria-prima.

Há mais de 20 anos, cientistas da universidade de Harvard comprovaram que a teia de aranha é forte o bastante para suportar o peso do próprio inseto por até 80 quilômetros, além de ser 15 vezes mais forte que o aço. A partir dessas observações, pesquisadores perceberam uma maneira de suprir uma demanda da indústria têxtil, bélica e da medicina.

O fio da aranha poderá ser usado para a produção de vários materiais de alta resistência. Entre eles estão: panos que não rasgam quando manipulados pelas máquinas pesadas das indústrias, para-choques de carros, coletes à prova de balas, roupas esportivas, entre outros.

O material mais resistente e flexível conhecido atualmente é o polímero kevlar, usado em coletes à prova de balas. Segundo Nicolau Belli, biólogo

da Embrapa e estudante de doutorado na UnB, a teia de aranha tem qualidade superior à do kevlar e é biodegradável. Por isso, pode ser usada, por exemplo, na medicina, para a criação de fios para suturas cujos pontos não precisam ser retirados.

O problema, de acordo com Belli, é que não é possível fazer as aranhas produzirem o material na escala em que ele é necessário para o mercado. A solução foi investir em engenharia genética: criar bactérias transgênicas os genes que comandam a produção da teia, para que elas fabriquem as proteínas do fio. “Infelizmente, ainda não temos a competência da aranha, mas já conseguimos produzir o fio”, completa o engenheiro agrônomo da Embrapa Elíbio Rech, líder da equipe brasileira que trabalha no projeto.

Outro método de produção da teia artificial é a plantação de algodões geneticamente modificados. Rech espera que, assim, as proteínas da teia façam parte da composição da própria fibra do algodão.

Por enquanto, nenhum dos métodos de produção do fio se mostrou economicamente viável. Por isso, a instituição experimenta formas diferentes de síntese do material.

“O nosso grupo está à frente dos outros porque estamos visando a produção em massa, e não só a indústria bélica”

Elíbio Rech

A produção artificial de teias de aranha existe desde 2002, quando a empresa canadense Nexia Biotechnologies obteve filamentos de teia derivados de proteínas obtidas no leite de cabras transgênicas.

Para aplicar a mesma tecnologia no Brasil sem esbarrar em patentes estrangeiras, a Embrapa trabalha apenas com espécies nativas de aranha e utiliza métodos diferentes de sintetização. Segundo o pesquisador Rech, a teia produzida pela aranha brasileira tem uma estrutura diferente da determinada em patentes americanas e canadenses. “O nosso grupo está à frente dos outros porque estamos visando a produção em massa, e não só a indústria bélica”

O plano é decifrar o genoma de três espécies: uma da Amazônia, uma da Mata Atlântica e outra do cerrado. “Assim, além de inovar um enorme setor da indústria, também agregamos valor à biodiversidade brasileira”.

